**ESTRUTURA E DINÂMICA SOCIAL**

**“O Manifesto do Partido Comunista”**

**1.** Vida e obra.

Karl Marx nasceu na Prússia em 5 de Maio de 1818, publicou vários livros durante sua vida, sendo O Manifesto Comunista, de 1848, e O Capital, de 1867-1894, os mais importantes. Ele se mudou para Paris em 1843, onde conheceu Friedrich Engels, que se tornaria seu amigo de longa data e colaborador. Também fez campanha para o socialismo e tornou-se uma figura significativa na Associação Internacional dos Trabalhadores, onde foi responsável por compor um programa que abrangesse a todas a ideias dos grupos divergentes que compunham a Associação, como fora descrito no prefácio à edição inglesa de 1888, do Manifesto comunista: “Quando a classe operária européia recobrou forças suficientes para um novo ataque às classes dominantes, surgiu a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864). Mas essa associação, formada com a finalidade expressa de unir numa única organização todo o proletariado militante da Europa e da América, não pôde proclamar de saída os princípios expostos no Manifesto.”

No seu período em Paris, Marx estudou muito sobre economia política e o socialismo utópico francês, o que resultou em seus  Manuscritos Econômico-Filosóficos, de 1844. Marx também estudou nas universidades de Bonn e Berlim, onde ficou interessado pelas ideias filosóficas dos jovens hegelianos. Assim, tais temas, economia política, socialismo utópico francês e hegelianismo, são suas maiores influências teóricas.

Primeiramente, Hegel era um idealista e foi criticado, pois Marx, como materialista, considerava que inexiste a possibilidade de ideia sem que haja algo concreto, de que o homem seja fruto do pensamento e não o contrário. Na economia política, os teóricos de maior influência sobre Marx foram Adam Smith e David Ricardo, a partir dos quais pôde ver críticas ao capitalismo e desenvolver uma das suas mais conhecidas teorias: a mais-valia. Já quanto ao Socialismo utópico francês, Marx seguiu algumas de suas ideias, como a possibilidade de suprir as necessidades dos homens devido à alta produtividade da indústria, mas foi muito mais crítico do que apoiador: defendia um Socialismo científico, ao invés de utópico, pois considerava que a solução para os problemas causados pela burguesia já estava na realidade e era o Comunismo, além de criticar a falta de embasamento no concreto por parte dos utopistas, que muito idealizavam sobre uma sociedade perfeita, mas pouco se atinham ao modo pelo qual ela seria alcançada.

Referindo-se à Friedrich Engels, nascido na Prússia, em 28 de Novembro de 1820, podemos dizer que foi um estudioso revolucionário que ajudou Marx a fundar sua própria vertente teórica, o Marxismo, esquivando-se de atribuir a si próprio os fundamentos dela, apesar de ter exercido significativa influência sobre suas reflexões. Após a morte de Marx, Engels foi responsável pela organização dos manuscritos incompletos e pela interpretação e sistematização das ideias de Marx, redigindo-as de forma popular para facilitar sua propagação.

**2.** Lugar do Manifesto Comunista na obra de ambos.

Na trajetória de ambos autores, o debate sobre o Capitalismo e as críticas realizadas a ele foram recorrentes em todas as suas obras e O Manifesto Comunista pode ser visto como uma síntese das ideias gerais de ambos, uma síntese programática, que foi encomendada pela Liga dos Comunistas (“Num congresso da Liga, realizado em Londres em novembro em 1847, Marx e Engels foram encarregados de preparar para publicação um completo programa público e teórico do partido.”) para servir de base aos operários para seu desenvolvimento intelectual contra a classe burguesa, o qual era o maior objetivo de Marx. Assim, segundo os mesmos: “o Manifesto Comunista tinha como tarefa a proclamação do desaparecimento iminente da moderna propriedade burguesa.”

**3.** Capítulo I.

Em “Burgueses e Proletários”, o livro se inicia dizendo “a história de toda a sociedade até hoje é a história da luta de classes”, e é sobre isso que Karl Marx e Friedrich Engels tentam dar um panorama no decorrer do capítulo, descrevendo a burguesia, o proletariado e depois estabelecendo o que há de antagônico entre os dois grupos. Tratam sobre os antagonismos anteriores à sua época e logo direcionam a discussão para “a época da burguesia”, descrevendo como se deu o desenvolvimento econômico e político burguês, a partir da transição do feudalismo para o capitalismo, possibilitando o incremento de comércio, navegação e indústria, os quais dão o impulso à economia e permitem-na atender as necessidades do mercado – o que não era mais possível pelo modo de produção feudal nem manufatureiro -, num longo processo como os próprios dizem: “a própria burguesia moderna é o produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de revoluções nos modos de produção e troca”, revoluções essas que se tornaram, ao mesmo tempo o diferencial quanto as classes anteriores e o seu direcionamento, segundo os autores, à sua própria destruição.

Dessa forma, a burguesia destruiu todas as relações de produção e as forças de produção pré-existentes, desempenhando um papel extremamente revolucionário de constante mudança, o que se tornou seu diferencial quanto as classes anteriores e algo inerente à sua existência, isto é, “a burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, todas as relações de produção, portanto todo o conjunto das relações sociais”. Isso desemboca numa relação de conflito entre as forças e as relações de produção – sendo esse outro modo de tratar da luta de classes -, o que gera constantes epidemias de superprodução e miséria da população, devido ao fato de que as forças de produção existentes tornam-se obstáculos para as relações de produção, e isso é resolvido através de crises, gerando, assim, segundo Marx e Engels, os meios pelos quais a burguesia será destruída.

Após dar atenção à burguesia, Marx e Engels voltam-se ao proletariado, descrevendo sua precarização por parte da burguesia (que os vê como uma simples mercadoria e, portanto, preocupam-se apenas com sua manutenção e obtenção de lucro a partir dela) e seu fortalecimento a partir do reconhecimento de sua condição social, a fundação de associações para estabelecer uma união contra a burguesia e, entre outros processos, a obtenção de elementos da política burguesa quanto esta pede ajuda ao proletariado ou transfere parte de seus integrantes para a classe oprimida.

Por fim, descreve-se a diferença do proletariado quanto às outras classes, sendo a única revolucionária e, também, a única que não irá manter as condições sociais existentes, mas sim destruí-las, além de ser a maioria invés da minoria como eram as outras.

**4.** Capítulo II.

Em “Proletários e comunistas”, Karl Marx e Friedrich Engels procuram descrever quais são as ideias principais da teoria comunista, como parte intelectual da classe operária. Segundo eles, seus objetivos são a conversão do proletariado em classe e a conquista do poder político, caracterizados, em geral, pela abolição da propriedade privada. A partir daí, passam a responder acusações da burguesia contra eles mesmos, como se fosse um debate, mas de um só.

Primeiramente, dizem que os comunistas não querem abolir a propriedade conquistada com seu próprio esforço, pois ela não existe, uma vez que “o trabalho do proletário lhe cria propriedade? De modo algum”, já que quem ganha não trabalha e quem trabalha ganha apenas o mínimo necessário para sobreviver, continuar trabalhando e não obter lucro algum, sendo privados de desenvolver conceitos como cultura, família e individualidade, que são aplicáveis apenas ao homem burguês. Além disso, desenvolver a inexistência do conceito de nação para o proletariado, uma vez que a integração e interdependência comercial e industrial não permitem que isso exista e reiteram que a educação social que querem instituir existe no capitalismo através da influência escolar e, seguindo as palavras dos autores, “os comunistas procuram apenas transformar o seu caráter, arrancando a educação da influência da classe dominante”.

Por fim, saem do monólogo quanto às acusações burguesas e citam o que deve ser feito para arrancar o capital da burguesia, como a intervenção despótica, o imposto progressivo e a abolição da herança. Para eles, dessa forma, haverá a abolição das relações de produção e, consequentemente, a supressão de todas as classes – inclusive a operária – e seus antagonismos, para que surja “uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos.”

**5.** Capítulo III.

Em “Literatura Socialista e Comunista”, procura-se criticar as formas como se dão os outros meios de suposta crítica às condições sociais da época.

Primeiramente, Karl Marx e Friedrich Engels falam sobre o Socialismo Reacionário, o qual tem 3 vertentes. A primeira é o socialismo feudal cujos integrantes são membros da aristocracia que, buscando restabelecer as relações de produção anteriores, abandonam teoricamente seus interesses e juntam-se ao proletariado na crítica à burguesia, mas na prática não é isso que ocorre, uma vez que, segundo as palavras dos autores “a aristocracia desfraldou como bandeira a sacola de mendigo do proletariado [...] as costas da bandeira estavam ornadas com os velhos brasões feudais”, ou seja, ao criticarem o capitalismo, dizendo que vão destruir sua organização social, querem apenas restabelecer as circunstâncias feudais. A segunda é o socialismo pequeno-burguês, cuja classe foi arruinada pela burguesia, já que a concorrência os joga na classe proletária e eles ficam como algo ‘sem-lugar’, e a sua crítica na literatura de, por exemplo, Sismondi, analisa muito bem os problemas do capitalismo, mas quer apenas voltar às condições anteriores ou voltar às antigas relações mas apropriando-se dos meios de produção sendo, assim, um socialismo reacionário e utópico. Já a terceira vertente é o socialismo alemão que, segundo Marx e Engels, fantasiam sobre as teorias comunistas francesas, esquecendo-se, no entanto, que as condições sociais de lá são completamente diferentes das alemãs e fazendo com que elas percam totalmente seu caráter de luta, o que leva os alemães a pensarem que são superiores aos antagonismos de classe; porém, quando a sociedade alemã chegou na luta entre burguesia e feudais, a literatura francesa que fora desconstruída serviu à aristocracia como base à crítica aos burgueses que tentavam ascender, servindo também à pequena burguesia que já via sua destruição se a revolução burguesa se concretizasse.

Depois, Karl Marx e Engels falam sobre o socialismo burguês e o socialismo e o comunismo crítico-utópicos. O primeiro é criticado por tentar apaziguar a burguesia e o proletariado, mantendo as condições de vida modernas sem as revoluções, a partir da mudança de relações econômicas e alguns melhoramentos na gestão. O segundo é criticado por ser do proletariado mas ser reacionário, uma vez que não vêem nenhuma forma própria do proletariado de emancipar e acabam imaginando situações sociais perfeitas para que isso ocorra, de forma utópica. Isso é justificado pela falta de desenvolvimento intelectual do proletariado de forma sistemática, sendo apenas os primeiros suspiros para algo mais aprofundando, mas, mesmo assim, possuem caráter reacionário.

**6.** Capítulo IV.

No último capitulo do livro, Marx e Engels dizem quais as relações do partido comunista com os outros existentes na época em diversos países europeus e voltam sua atenção à Alemanha, que é o país capitalista mais desenvolvido naquele momento e, portanto, onde o proletariado está mais desenvolvido e unido também. Fecham o livro explicando de forma sucinta o principal objetivo do capitalismo e chamam os proletariados dos diversos países para dar seguimento à união operária em curso, com a frase “proletários de todos os países, uni-vos”.

**7.** Ideia central.

A idéia central da obra se dá na descrição e explicação dos antagonismos que caracterizam a sociedade desde a abolição da propriedade comum e o modo pelo qual essa luta será interrompida no curso histórico a partir da revolução comunista, ou seja, a partir da instituição do Comunismo, haverá o declínio comum das classes em luta. Como Engels diz no prefácio à edição alemã de 1883, “a idéia fundamental que atravessa todo o Manifesto – a saber, que em cada época histórica a produção econômica e a estrutura social que dela necessariamente decorre constituem a base da história política e intelectual dessa época; que, consequentemente (desde a dissolução da antiga posse em comum da terra), toda a história tem sido uma história de lutas de classes [...]; que essa luta, porém, atingiu atualmente um estágio em que a classe explorada e oprimida (o proletariado) não pode mais se libertar da classe exploradora e opressora (a burguesia) sem libertar ao mesmo tempo e para sempre toda a sociedade da exploração, da opressão e das lutas de classes.”

No entanto, devemos nos atentar ao fato de que a ideia central não é totalmente verdadeira na época, uma vez que o livro, encomendado pela Liga dos Comunistas, não é um representação exata do que está ocorrendo em 1848, uma vez que não havia ocorrido ainda a revolução de 1848 e a burguesia e o proletariado ainda não haviam se estabelecido como classes antagônicas.

**8.** Comunismo x Socialismo.

Inicialmente, os autores decidem utilizar o termo “comunista” por associarem o socialismo, na época, a uma vertente que procurava amenizar os problemas existentes, estando fora do proletariado e tentando ter o apoio da classe burguesa, o que não equivalia aos objetivos almejados pelos comunistas – destruir qualquer forma de apropriação produtiva – nem à sua independência de outros setores sociais, como os próprios autores dizem “a emancipação da classe operária deve ser obra da própria classe operária”.

No entanto, após certo tempo, o termo Socialismo foi aderido ao seu vocabulário por passar a ser atribuído a um período de transição entre o Capitalismo e o Comunismo. Um período de transição porque, para que o processo se conclua, é necessário mudança do poder de Estado e, a partir disso, uma gradual transformação - o Socialismo – e um aumento gigantesco da produtividade.

**9.** O termo “partido”.

Em muitas edições da obra, o título é “Manifesto do Partido Comunista”, sendo que partido, nesse caso, não se dá no sentido ao qual o atribuímos hoje, mas sim à parte de uma classe, um sentido mais amplo, histórico, sociológico, o que fica claro quando os autores dizem no começo do capítulo “Proletários e Comunistas” qual o papel dos comunistas na classe trabalhadora: “os comunistas não constituem um partido particular diante dos outros partidos operários [...] distinguem-se em apenas dois pontos: [...] destacam e fazem prevalecer os interesses comuns, [...] representam sempre os interesses do movimento em seu conjunto”.

**10.** “A história de toda sociedade existente até hoje tem sido a história da luta de classes.”

Não podemos dizer que desde seu surgimento, a sociedade pode ser vista como um constante ambiente de luta de classes, como se isso fosse algo inerente à nossa vida social. Essa afirmação pode ser contestada a partir dos estudos sobre muitas das sociedades africanas anteriores ao Colonialismo, onde a terra era propriedade comum, familiar ou clânica e não havia Estado – o poder era definido pela idade, os mais velhos eram considerados mais sábios e, portanto, mais preparados para controlar os direitos e as obrigações dos cidadãos. Uma vez que a idade era a única diferenciação social, juntamente aos líderes religiosos, não haviam classes.

Percebendo o erro, os autores se redimiram e escreveram uma nota de rodapé, na qual dão alguns exemplos sobre sociedades de propriedade comum, dizendo “a pré-história, a organização social anterior à história escrita, era quase desconhecida em 1847. Mais tarde, Haxthausen [...] descobriu a propriedade comum da terra na Rússia. Maurer [...] mostrou ter sido essa a base social da qual as tribos teutônicas derivaram historicamente.” No entanto, como dito anteriormente, é errado dizer que a inexistência da luta de classes ocorreu apenas antes da história escrita.

**11.** “O que a burguesia produz principalmente são seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.”

Segundo os autores, na era do capitalismo, há uma intensa transformação tecnológica, a capacidade de transformar a natureza, o que gera uma alta produtividade e constantes crises: “Há mais de uma década, a história da indústria e do comércio não é senão a história da revolta das forças produtivas modernas contra as modernas relações de produção, contra as relações de propriedade que são a condição da existência da burguesia e de seu domínio.” Para eles, tais crises geram ainda mais consciência aos proletários e torna a situação capitalista insustentável. Também, devido às constantes lutas às quais está submetida a classe burguesa, necessita-se da associação com os proletários e há a transferência ativa de integrantes da burguesia para o proletariado, o que faz com que os operários tenham domínio sobre as formas de ação burguesas e isso sirva como força para destruí-la: “a burguesia não forjou apenas as armas que lhe trarão a morte; produziu também os homens que empunharão essas armas – os operários modernos, os proletários.”

É verdade o fato de que há constantes crises, precisamos apenas voltar nossos olhos à crise de 2008 cujas conseqüências refletem até hoje. A burguesia produz cada vez mais para uma massa consumidora cada vez menor, pois faltam meios para isso, uma vez que ela explora as forças de trabalho, vende, lucra e, assim, tem-se um ciclo, mas, para aumentar o lucro, precisa aumentar a produtividade e a exploração. Também, a produção se dá cada vez mais de forma integrada enquanto as relações de produção são cada vez mais privadas e, para eles, a solução seria o comunismo.

Realmente existem essas contradições internas e elas seriam suficientes para a derrubada do capitalismo se houvessem agentes suficientes para isso. No entanto, o capitalismo usa diversos mecanismos, como a mídia, para alienar os cidadãos prejudicados e dizê-los que tudo irá se resolver em breve, o que faz com que a situação precária cause um certo incômodo e reclamação, mas que isso não se torne suficiente para revoluções e a suposta inevitável queda da burguesia.

**12.** “Em lugar da antiga sociedade burguesa, haverá uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos.”

Para os autores, o estado descrito no enunciado da questão, dá-se após a abolição de todas as classes e da propriedade privada, causando tempo livre e abundância, pois a grande indústria e a extensão da produção ao infinito por ela permitida tornam possível um estado da sociedade no qual a produção satisfaça a todas as necessidades, de modo que cada membro da sociedade seja posto em condições de desenvolver e exercitar com absoluta liberdade todas as suas energias e aptidões, ou seja, “a cada um segundo sua necessidade, de cada um segundo suas possibilidades”.

No entanto, se o Capitalismo consegue essa infinita porcentagem de produtividade apenas devido à exploração do operariado, uma vez que não conseguiu, ainda, substituí-los totalmente por máquinas, como o Comunismo conseguirá fazê-lo sem que haja subalternidade e opressão? E as riquezas acumuladas pelos capitalistas seriam inicialmente transferidas a somente uma parcela da sociedade, como os próprios autores dizem “ isso naturalmente só poderá ser realizado, no princípio, por uma intervenção despótica no direito de propriedade e nas relações burguesas de produção”, ou seja, primeiramente continuarão existindo relações de superioridade e, depois, de forma repentina, essas pessoas no poder abdicarão de sua posição pelo bem maior? Acredito que essa seja uma visão bastante otimista sobre o altruísmo do homem.